

O Pentecostalismo Latino-americano: pontos de encontro, desencontro e contribuições para a fé evangélica e teologia latino-americanas

Regina Fernandes Sanches¹

Resumo

Este texto discute as origens do pentecostalismo mundial e de sua expressão brasileira. Apresenta também os aspectos caracterizadores do movimento na América Latina e sua importância na revitalização do cristianismo e da fé evangélica, principalmente no contexto latino-americano. Analisa-o também como fator de validação social, como movimento de base, que surgiu, tem se desenvolvido e se articula junto às massas e sob sua condução, tornando-o um movimento reconhecidamente popular. Para isso, apresenta brevemente o envolvimento do protestantismo com os problemas sociais e as contribuições da Teologia Latino-americana, diferenciando a atuação pentecostal que se faz a partir de dentro dos problemas sociais e do povo latino-americano.

Palavras Chave: pentecostalismo, evangélico, popular, latino-americano, movimento

Abstract:

This text discuss the origins of mundial Pentecostalism and its Brazilian expression. It also presents the defining aspects of the movement on Latin America and its importance on the revitalization of Christianity and evangelical Faith, specially in the Latin American context. It also analyses it as a factor of social validation, as a grassroots movement that came up, has been developed and is articulated along with the masses and under their direction, becoming a acknowledgedly popular movement. To this end, this text presents briefly the involvement of Protestantism with the social issues and the contributions of Latin American Theology, differentiating the Pentecostal procedure that is made from inside the Latin American social issues and people.

Key-words: Pentecostalism, Evangelical, popular, Latin American, movement

Introdução

Os movimentos que surgiram dentro e decorrentes da Reforma Protestante, como é o caso do pentecostalismo, foram de tendência revitalizadora da Igreja em suas épocas. A própria Reforma visava restaurar a compreensão de igreja original, combatendo a corrupção generalizada na Igreja Medieval. Mesmo surgindo como movimento e vindo a institucionalizar-se, o pentecostalismo manteve a vitalidade própria dos movimentos e tornou-se também provocativamente revitalizador de outros grupos religiosos cristãos à sua volta.

¹ Mestra em Teologia e Práxis pela FAJE – Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia. Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena (Ulbra). Professora de Teologia Sistemática e Teologia Latino-americana. Autora dos livros: Teologia da Missão Integral e Teologia Viva (Editora Reflexão) e Como Fazer Teologia da Missão Integral (Editora Garimpo), Teologia da Igreja (Editora Saber Criativo).

O pentecostalismo teve início na primeira década do século passado e surgiu desde a experiência de oração, ensino e celebração. Manteve do evangelicalismo a ênfase evangelizadora, mas inovou no culto, na espiritualidade e na vida cristã, tendo-os como momentos e espaços para a experiência com o Espírito Santo e a revitalização da fé, por meio da manifestação dos dons espirituais para edificação, comunhão, cura e libertação das pessoas. No Brasil, os pentecostais se tornaram a expressão evangélica que mais cresce atingindo, no caso do pentecostalismo histórico, as camadas sociais mais pobres, de acordo com o último censo.

Neste texto, pretendemos analisar alguns pontos de convergência e divergência entre o pentecostalismo, como movimento evangélico na América Latina, e o movimento de Missão Integral da Igreja, também como forma de teologia evangélica latino-americana. Ademais, buscaremos perceber possíveis contribuições mútuas entre os respectivos movimentos.

1. Origens Históricas do Pentecostalismo

As origens do pentecostalismo mundial moderno estão no Movimento de Santidade norte-americano do final do séc. XVIII, que, por sua vez, ocorreu no encalço dos avivamentos e do missionarismo por eles desencadeado:

Assim, o pentecostalismo pode ser visto com o olhar da continuidade, pois nos EUA seguiu por picadas abertas por outros movimentos religiosos cristãos que os antecederam: o pietismo alemão, o reavivacionismo anglo-saxão e os movimentos de santidade.²

Das suas origens ele herdou o ensino da santidade não somente para a questão ética, mas como condição para a recepção da benção do Espírito Santo e dos dons espirituais e, da mesma forma, como consequência ou resultado dessa benção e do exercício dos dons.

Em sua expressão latino-americana, Leonildo Campos entende que o pentecostalismo surgiu nas pegadas do protestantismo histórico e da liberdade religiosa que ele contribuiu para conquistar na América Latina, todavia, em articulação com a religiosidade popular:

[...] na América Latina, o pentecostalismo seguiu caminhos batidos pela religiosidade popular católica, beneficiando-se, por outro lado, da inserção do protestantismo na América Latina, África e Ásia. Em outras palavras, em sua primeira fase de expansão, o pentecostalismo pescou em aquários onde estavam os peixes colhidos pelo protestantismo histórico.³

² CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. In.: *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005. p. 11.

³ Ibidem, p. 11.

Embora o surgimento do movimento pentecostal esteja relacionado primeiramente à figura de Charles Fox Parham, na Escola Betel em Topeka e depois em Houston, entre cristãos de predominância branca, uma maior expressão do pentecostalismo se deu com William Seymour e o movimento da Rua Azusa, entre cristãos de diversos grupos raciais. Até mesmo devido à incidência de pessoas descendentes diretas de escravos norte-americanos, como era o caso de Seymour, Gouvêa de Mendonça explica que os iniciadores do movimento eram pessoas simples e em condições de vulnerabilidade social em sua época:

[...] atores que iniciaram o movimento: eram negros, como Seymour, mulheres, como a evangelista Nelly Terry, e estrangeiros, como os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren e o italiano Luigi Francescon. Estes três últimos foram os iniciadores do pentecostalismo no Brasil. Não é difícil perceber que eram pessoas principalmente leigas e periféricas nas Igrejas e na sociedade, vítimas privilegiadas dos desajustes sociais [...].⁴

Diferindo das tendências racistas da época, principalmente na sociedade norte-americana, a multiracialidade era uma das principais características do grupo da Rua Azusa. O Prof. Alderi Matos acrescenta que as reuniões lideradas por Seymour estavam abertas para representações sociais diversas, tendo como critério principal para a participação a disposição para a instrumentalidade de Deus:

Uma característica marcante dessas primeiras reuniões foi o seu caráter multiracial, com a participação de negros, brancos, hispanos, asiáticos e imigrantes europeus. A liderança era dividida entre negros e brancos, homens e mulheres. Um artigo do jornal *A Fé Apostólica*, fundado por Seymour, dizia no número de novembro de 1906: “Nenhum instrumento que Deus possa usar é rejeitado por motivo de cor, vestuário ou falta de cultura”. Outro artigo informava que em um culto de comunhão que durou toda a noite havia pessoas de mais de vinte nacionalidades. Uma frase comum na época dizia que “a linha divisória da cor havia sido lavada pelo sangue”.⁵

Isto colocou as origens históricas do pentecostalismo entre as gentes desprovidas de poder, tornando-o, de certa forma, um movimento religioso das bases sociais. O movimento pentecostal norte-americano tendeu a identificar-se com as lutas contra a discriminação e em favor da igualdade social, em correspondência aos movimentos libertários da mesma época, principalmente aqueles referentes à causa dos negros norte-americanos. Seymour, o principal líder do grupo, até então pregador do Movimento de Santidade, teve os primeiros ensinamentos sobre a experiência pentecostal assentados em uma cadeira no corredor da escola teológica em Houston, por ser negro e filho de escravos. O entendimento é que na Rua Azusa o Espírito Santo veio sobre ele e os demais

⁴ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos*. São Paulo: Metodista, 2008. p. 135.

⁵ MATOS, Alderi Souza. *O movimento Pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário*. In.: <http://www.mackenzie.br/6982.html>. Acesso em 27/08/2015.

descendentes de escravos, mulheres e estrangeiros sem fazer distinção de raça, gênero ou nacionalidade, significando que as discriminações eram fruto da vaidade e da arrogância humana, sem validação no âmbito da verdadeira fé guiada pelo Espírito. Certamente, a experiência pneumatológica cumpriu efeito significativo de gerar ânimo nessas pessoas, que viram no pentecostalismo nascente um espaço onde seriam atores protagonistas de sua própria fé e missão cristã no mundo.

Quanto ao pentecostalismo brasileiro, suas fontes históricas não são tão simples de ser definidas, pois há controvérsias a respeito de suas bases originárias. Alguns preferem situá-las em Azusa e no Movimento de Santidade, por onde passaram os missionários Gunnar Vingren, Daniel Berg e Luigi Francescon, fundadores das primeiras representações pentecostais no Brasil, no caso, a Igreja Assembleia de Deus (Vingren e Berg em 1910) e a Igreja Cristã do Brasil (Francescon em 1910). Outros identificam uma forma autóctone de pentecostalismo, com raízes no próprio solo brasileiro, ainda que sob influências dos missionários estrangeiros pentecostais, estabelecendo ligações diretas com o protestantismo sueco, no caso da Igreja Assembleia de Deus. De qualquer forma, o pentecostalismo originário brasileiro assumiu forma autóctone já no seu nascedouro, ao fazer-se a partir da cultura, da situação social e da religiosidade brasileira.

2. O pentecostalismo e a questão da “pobreza”

O pentecostalismo originário ou histórico caracterizou-se, tanto em sua versão norte-americana como naquela nascida em solo brasileiro, como um movimento religioso de pessoas com poucos recursos econômicos e pouco acesso à educação formal. No Brasil, germinou entre as camadas sociais mais baixas no norte e nordeste brasileiro e entre os imigrantes de São Paulo. Isto colocou a fé evangélica no contexto dos problemas sociais e imersa neles por meio de sua expressão pentecostal.

O envolvimento com os problemas sociais e preocupação com a pobreza não é incomum no protestantismo. Diversos movimentos protestantes desenvolveram esforços de combate aos problemas sociais, como foi o caso do Pietismo alemão, com a popularização do entendimento e da vivência da fé e por meio das missões morávias. O Metodismo wesleyano destacou-se com suas intervenções sociais na sociedade inglesa de sua época. Essa preocupação caracterizou também o protestantismo prussiano do sec. XIX, de acordo com Martin Dreher, influenciado pelo pietismo no modelo de Hermann Francke, que demonstrou forte envolvimento com os problemas da sociedade. As ações desenvolvidas no seio desse protestantismo foram movidas pelo mesmo

interesse pela realidade que, conforme ele, provocou “o Manifesto de Karl Marx”. Dreher esclarece que Johann Hinrich Wichern (1808-1881), um missionário alemão que se dedicou à pregação e a trabalhos sociais, escreveu também ainda em 1948 o “Manifesto Protestante”, sensibilizado pela miséria do povo em sua época. Ele acrescenta que entre as ações por ele realizadas estavam a fundação de casas de acolhimento para crianças abandonadas, desenvolvimento de projetos de educação profissionalizante, criação de centros diaconais etc. De acordo com Dreher, Wichern afirmava que “A Igreja só terá futuro se encarnar o amor de Deus na cidade industrial”.⁶ O historiador ainda acrescenta que este movimento social atingiu toda a Europa e que, na Inglaterra, “os metodistas se envolveram com a educação de adultos, escolas, reforma carcerária, abolição da escravidão e o alcoolismo”. No entanto, ele menciona que o envolvimento social protestante nesse período foi caracteristicamente burguês e não alcançou as massas pobres diretamente, sendo desenvolvidas na forma de assistências sociais e diaconais.⁷

Este não foi o caso do pentecostalismo, que nascendo no interior das massas mais pobres tornou-se lugar significativo de promoção religiosa e social. Normalmente, as ações sociais protestantes se mostraram como intervenção de fora para dentro dos problemas incidentes nas sociedades e em assistência aos grupos fragilizados. O pentecostalismo surgiu como um movimento de dentro desses grupos, como uma de suas expressões religiosas. Neste caso, o cuidado dos mais pobres não surgiu de uma elaboração teológica ou teórica acerca da responsabilidade social da Igreja, nem mesmo como ação estratégica de intervenção contra a pobreza, mas por meio de práticas espontâneas de compartilhamento entre aqueles que vivenciavam os mesmos problemas sociais, entre iguais. Esta situação pode ser comparada ao modelo moraviano de missão de pobres entre os pobres, como bem descreveu Valdir Steuernagel:

O Evangelho conscientemente compartilhado com os pobres na condição de pobre vai evitar muito da cansada polarização entre evangelização e ação social, que tanto tem caracterizado o mundo evangélico contemporâneo, como já vimos antes. Vai nos ajudar ainda a lutar contra a mentalidade capitalista de classe média que tanto tem marcado a vida das igrejas evangélicas na América Latina. E vai, não por último, colocar-nos perto de onde vive a maioria da gente, não apenas na América Latina, mas também na Ásia e África.⁸

Diante disso, não é possível esperar ações de transformação estrutural da sociedade, que demandam percepção teórica do contexto, planejamento e articulação política, possíveis somente com a mediação das ciências em geral e movimentos que se organizam no espaço público. Mas, o cuidado das necessidades cotidianas no pentecostalismo, verificadas na convivência cristã

⁶ DREHER, Martin N. *A Igreja Latino-americana no Contexto Mundial*, São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 142-143.

⁷ Ibidem.

⁸ STEUERNAGEL, Valdir. *Obediência Missionária e Prática Histórica*. São Paulo: ABU, 1993. p. 117.

realizadas pelo mútuo compartilhamento, em conjunto com o efeito psicológico comunitário e individual de se integrar a um grupo social em condições um pouco mais igualitárias, tem se revelado como forma de resistência contra o empobrecimento a que está submetido boa parte do povo brasileiro, e com poderoso efeito de emancipação social. Isto se comprova pelo interesse do estudo do pentecostalismo, principalmente no campo das Ciências Sociais, como força religiosa popular e lugar simbólico de empoderamento social.

Na América Latina, o fenômeno pentecostal foi recebido como um movimento religioso popular, pouco refinado em sua liturgia e sem produção teológica. Esta maneira de avaliar o culto pentecostal tem muito a ver com o ponto de vista em que é feita, normalmente, tendo como parâmetro as formas de culto e de teologia que prevalecem no protestantismo clássico, como analisa Marco Antonio de Oliveira:

O protestantismo ainda não se libertou de formas litúrgicas afastadas da vida cotidiana, que pouco ou quase nada refletem a realidade latino-americana. Ele também ainda é enamorado de uma visão teológica exclusivista e preconceituosa em relação às manifestações culturais populares brasileiras. Sua liturgia distante da realidade o faz ser visto como não necessário para a maioria dos brasileiros, sincrética por natureza, afeita ao mágico, ao maravilhoso e ao extraordinário.⁹

É fato que os cultos pentecostais são vivazes, com apresentações musicais da comunidade, palmas, testemunhos, manifestação dos dons espirituais e pregações eloquentes. Nas igrejas de periferia ou de zonas rurais são utilizados instrumentos musicais populares como pandeiros e acordeões. Geralmente, as reuniões são participativas, com programação não restrita ao corpo pastoral. Isto resulta, por outro lado, em reuniões mais espontâneas e sem a utilização de uma teologia mais crítica ou elaborada de forma prático-sistemática.

Devido a esses e outros aspectos característicos do movimento, a experiência pneumática não tem sido a única vivida pelos pentecostais, mas também a da discriminação e do preconceito, inclusive no próprio meio evangélico e protestante do qual faz parte. Isto se tornou um dos seus marcos identitários: ser um movimento popular, no sentido sociológico do termo, e sofrer o julgamento próprio desse tipo de localização. Nada obstante, como uma expressão religiosa popular o pentecostalismo possui possibilidades de desenvolvimento de hermenêuticas contextualizadas na realidade do povo e de teologias pneumatológicas voltadas para a vida e sua

⁹ OLIVEIRA, Marco Antonio. O Protestantismo em face da pentecostalização dos movimentos evangélicos brasileiros. In.: BINGEMER, Maria Clara Luchetti; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro. *O Censo e as Religiões no Brasil*. RJ: PUC; SP: REFLEXÃO, 2014. p. 142.

preservação. Ele se tornou naturalmente uma experiência religiosa com repercussão para a vida social.

Em seu jeito próprio de ser, no meio pentecostal a Bíblia passou a ser lida a partir da ótica daquele que sofre as mazelas de uma sociedade injusta, resultando na concepção de um mundo mal e perdido. Todavia, a experiência com o Espírito Santo tendeu a ser interpretada de modo escatológico, como referindo-se a uma outra realidade de tempo e lugar com acesso por meio do êxtase, do transe ou dos exercícios espirituais. Os dons espirituais foram entendidos como provas de espiritualidade e formas de animar a fé na comunidade, exortá-la e orientar seus caminhos. A esperança já não estava mais neste mundo, mas no porvir, onde toda a privação seria superada e a vida seria plena, longe do sofrimento imposto pelo mundo. Restava ao cristão pentecostal suportar o sofrimento desse mundo em prol das alegrias do mundo vindouro. A experiência aqui remetendo para uma esperança lá, como uma forma de antecipação. Este modo de pensar levou os pentecostais não a um engajamento social, mas ao isolamento do mundo e das demais comunidades evangélicas, agravando o preconceito contra o movimento.

Ainda que nesse enquadramento, e talvez por causa dele, no Brasil, os pentecostais são hoje o segmento evangélico que mais cresce em número de adesão. Outros números que o movimento apresenta também são significativos para sua compreensão, como: (1) o grupo religioso que concentra menor renda no país, com 63,7% dos seus representantes recebendo até um salário mínimo; (2) o maior índice de pessoas com ensino fundamental incompleto (42,3%); (3) enquanto no catolicismo e no espiritismo a maior proporção dos adeptos se declara brancos, no meio evangélico pentecostal a maior parte se declara parda ou negra, perdendo somente para os sem-religião; (4) formado em sua maioria por mulheres, crianças e adolescentes.¹⁰ Com esse quadro, podemos afirmar então que o pentecostalismo brasileiro é formado em sua maioria por pessoas pobres, com pouco estudo, pardos e principalmente do sexo feminino.

3. O Pentecostalismo Latino-americano e a fé evangélica latino-americana

Para pensarmos o pentecostalismo latino-americano e sua teologia é preciso partirmos da compreensão de que o movimento faz parte do evangelicalismo mundial, e, conforme Darío Lopez, é uma forma de ser evangélico:

Faz mais de duas décadas atrás, refletindo sobre a identidade dos evangélicos latino-americanos, Samuel Escobar afirmava que ser evangélico “era uma forma

¹⁰ Números baseados nos dados do Censo do IBGE 2010.

de especial de ser protestante” (Escobar 1982:16). À luz dessa caracterização e, sem alterar seu sentido, se pode dizer também que ser pentecostal é uma forma especial de ser evangélico.¹¹

Essa identificação faz com que haja uma teologia evangélica de fundo, todavia, adaptada para a novidade pentecostal. Sobre isso, Darío Lopez esclarece que as igrejas pentecostais mantiveram as bases teóricas e práticas da fé evangélica de origem: “É assim porque as igrejas pentecostais de diversos transfundo, são evangélicas tanto por sua base doutrinal e herança histórica como por um dinamismo missionário e vitalidade espiritual.¹² No Brasil, o movimento não produziu uma teologia evangélica que pudesse ser chamada de pentecostal e correspondesse de fato às características de um pentecostalismo brasileiro, que muitos alegam dever-se à excessiva ênfase no sentimento e na experiência em detrimento do pensamento e da ordenação teórica.

Outro aspecto importante é que perseguindo a tendência dinâmica do protestantismo, o pentecostalismo teve início como um movimento de espiritualidade e missional, organizando-se posteriormente na forma de igrejas e denominações. Todavia, mesmo a institucionalização não arrefeceu o ânimo e o crescimento do movimento tanto no Brasil como em outras partes do mundo onde hoje ele já representa maioria evangélica.

Por conseguinte, assumir a pentecostalidade de uma teologia é assumir seu marco de referência, a partir de onde ela se faz e a cultura religiosa que representa, bem como com o modo de ver e interagir com o mundo. Isso significa que será uma teologia pneumatológica, tendo na obra do Espírito Santo sua chave hermenêutica. Não a obra compreendida somente teórica ou doutrinariamente, mas principalmente por meio da experiência na vivência dos carismas. No caso de uma teologia pentecostal latino-americana o contexto é o da América Latina, seus problemas e desafios específicos, mas neste caso, vistos e experienciados a partir de dentro. É também assumir o lugar de vulnerabilidade socioeconômica da maior parte daqueles que integram o movimento, como um lugar teológico, a partir do qual se compreende a fé.

A Teologia Latino-americana é formada pelas teologias da Libertação Protestante e Católica e pela Teologia da Missão Integral, de origem evangélica. Ela teve seu início formal em meados do século XX, mais precisamente no final da década de 60. Surgiu assumindo também como suas as lutas por soluções para os problemas socioeconômicos, culturais e religiosos da América Latina no enalço intervencionista do catolicismo social e do protestantismo histórico,

¹¹ LÓPEZ R. Darío. *Pentecostalismo y Misión Integral*. Lima: Ediciones Puma, 2008. p. 13.

¹² Ibidem, p. 13.

porém como expressão latino-americana e configurada em seus contextos confessionais específicos.

Neste entendimento, as teologias da Libertação definiram os problemas sociais de sua época de surgimento como seu marco histórico e metodológico, irrompendo como elaboração teórica e proposição de uma nova práxis cristã a partir de uma fé sociológica, mediada pelas Ciências Sociais. A localização junto ao pobre e oprimido, que foi definidamente seu *locus* teológico, mantém sua vigência até os dias atuais, pois esta é uma realidade que não deixou e nem deixará de existir no contexto social latino-americano, somente tem sido reconfigurado. Há, sem dúvida, em nossa região uma maioria em precariedade social, que é privada de recursos mínimos para um bem viver. A melhoria das condições de vida não tem sido para todos e nem em todos os lugares. Infelizmente, enquanto houver relações de poder abusivas, haverá dominações e novas formas de opressão internas e externas às nações latino-americanas que a afetam direta e indiretamente. É em função disso que sempre haverá lugar para aquelas teologias que levantam sua voz profética e denunciadora das injustiças em nossas sociedades, em favor dos empobrecidos pelos sistemas de poder.

O movimento e a Teologia da Missão Integral são de tradição evangélica, portanto, possuem as mesmas raízes históricas do pentecostalismo, ou seja: Reforma, Pietismo, Avivamentos, Metodismo, Missionarismo, etc. São fruto dos esforços e da luta de uma minoria evangélica na América Latina, defensora da concepção de que a missão não deveria ser reduzida à proclamação oral do evangelho e à implantação de igrejas, mas abranger o mundo em seus vários aspectos. Localizou-se na América Latina de sua época de surgimento (década de 70) e em relação aos seus problemas sociais e culturais, pelo viés da missão concebida como sendo “Integral”.

Embora o movimento contasse, desde seu início, com a presença e participação de pentecostais, sempre ficou demarcado como um esforço do evangelicalismo latino-americano histórico oriundo do chamado protestantismo de missão. Por outro lado, o movimento de missão integral, reconhecidamente, resulta da crítica às formas de predominância cultural próprias do missionarismo estrangeiro sobre a cultura e fé evangélica latino-americana, conforme argumenta Miguez Bonino: “A afirmação da FTL começa com uma crítica da ‘aculturação’ do protestantismo evangélico latino-americano às pautas culturais dos países missionários”¹³.

¹³ BONINO, José Miguez. *Rostos do Protestantismo Latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal/EST 2013. p. 46.

O movimento pentecostal não surgiu dessa crítica, pois não se configurou como esforço de análise histórica ou social, mas encontrou na religiosidade latino-americana um terreno fértil para a recepção da experiência pentecostal, ainda que sob certo crivo das doutrinas evangélicas. Tais doutrinas funcionaram muito mais como discurso em busca de significação do que como resultado de um entendimento da fé. É possível afirmar que o pentecostalismo é uma expressão evangélica contextualizada em solo latino-americano, que nasce das suas próprias entranhas socioculturais, no qual o entendimento da fé se dá por meio da experiência religiosa no contexto e não por alguma forma de elaboração sistemática. Houve, apesar disso, uma forte tendência para a demonização da cultura, principalmente no âmbito das práticas religiosas populares das quais o pentecostalismo mais se aproximou, muito mais como modo de confronto de religiosidades do que como fruto de qualquer análise teórico-crítica e doutrinária de tais manifestações.

Isto posto, há certamente esforços atuais internos do pentecostalismo pela compreensão e elaboração de um saber da fé que possui como ponto de partida a própria experiência pentecostal e suas tendências, em diálogo com outras expressões teológicas evangélicas e com as ciências em geral. Despontam nos dias atuais modos de teologias pentecostais mais contextualizadas não somente na América Latina, mas na própria realidade pentecostal.

Ainda sobre a Missão Integral, correspondendo às suas raízes evangélicas ela reafirmou a evangelização tão cara para o evangelicalismo mundial e latino-americano, mas na perspectiva da integralidade. Manteve a primazia das Escrituras, lida neste caso a partir do contexto e a salvação por meio da morte sacrificial de Jesus Cristo, abrangendo a vida no mundo como um todo. Do mesmo modo, o pentecostalismo se caracterizou como um movimento que teve na evangelização sua principal característica, também correspondendo às suas bases originárias, todavia, a partir da pentecostalidade e sob essa orientação, portanto, da convergência com a religiosidade latino-americana.

Na Missão Integral, a ênfase holística e integradora da sua teologia e prática fez surgir vários projetos sócio-ecclesiais e evangelizadores em toda a América Latina, que a adotaram como inspiração e referencial teológico, ainda que ela não fosse apresentada claramente como uma teologia. Isto se deu em razão de que nos círculos da Missão Integral sempre houve algumas resistências em relação à sua proposição como Teologia, preferindo até-la como um movimento, uma influência ou inspiração. Todavia, é fato que ela surgiu também como esforço teológico, conforme verificamos em Padilla, que, no início da década de 80, citando o filósofo argentino Juan Bautista Alberdi como um proponente de uma “filosofia americana”, reivindicou uma teologia latino-americana como proposta da FTL: “Levado ao campo teológico, esta mesma inquietação

germina a proposta de uma “teologia latino-americana” – feita a partir de nossa situação histórica concreta – que constitui o projeto teológico da FTL”.¹⁴

Ainda que em uma perspectiva diferente, o pentecostalismo tem sido recorrentemente acusado de ser a-teológico, por não priorizar a elaboração do saber da fé. Gedeon Alencar explica que em certo sentido isso é verdadeiro, pois o movimento tem se desenvolvido independente de uma educação teológica formal “No Brasil, o pentecostalismo nasceu, cresceu, consolidou-se e tornou-se majoritário, sem educação teológica formal; por isso, ela ser vista como desnecessária”.¹⁵ Mas, ele esclarece que isso não foi generalizado no seio do movimento, principalmente em seu desenvolvimento histórico, como se comprova pela existência de instituições teológicas pentecostais.

De modo geral, a resistência para com a ordenação teórico-teológica e seu ensino é característica dos movimentos eclesiais, missionais e de espiritualidade. A formalização teológica é vista como responsável por estancar a fluidez do movimento e cristalizá-lo em instituições ou sistemas teológicos. O círculo hermenêutico tem sido na América Latina uma proposta metodológica que pode contribuir para evitar tais condicionamentos. Nele, o movimento se mantém não somente como primeiro momento histórico do fazer teológico, mas metodológico, como aquele que alimenta a Teologia, vitaliza-a constantemente e a mantém com o olhar na realidade concreta. Por outro lado, o saber resultante pode ser sua consciência crítica, que percebe a realidade a partir da qual se constrói o conhecimento da fé, analisa-a à luz do texto e contexto bíblico e histórico e propõe uma nova práxis, que restaura e anima a vida onde ela está comprometida.

4. Caminhos possíveis da Teologia Pentecostal Latino-americana

O Círculo Hermenêutico, conforme proposto por Juan Luís Segundo, exige a constante disposição para a suspeita, que na TMI pode ser compreendida como “discernimento” ou disposição crítica. Trata da identificação de ideologias, teologias, situações históricas e teorias diversas que possam condicionar ou comprometer a vida na realidade concreta e em seus diversos âmbitos, inclusive o dogmático. Também visa ao discernimento de nossos próprios condicionamentos sociais, teóricos ou religiosos, tanto na verificação da realidade como na

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz Pentecostal Brasileira*. RJ: Novos Diálogos, 2013. p. 109.

aproximação das Escrituras Sagradas. Padilla esclarece que tais condicionamentos não são problemas somente da Teologia:

O problema que afeta a hermenêutica bíblica em vista do condicionamento do intérprete afeta igualmente todo campo do conhecimento humano. A absoluta “objetividade” científica é um mito. A suspeita é portanto um ingrediente necessário à hermenêutica. (PADILLA, texto não publicado)

Este é um exercício que deve ser realizado tanto em relação à leitura bíblica, na interpretação do conhecimento e na percepção da situação concreta, visando identificar os mecanismos de empobrecimento da vida no mundo e onde não há correspondência à obra vivificadora do Espírito, como para o entendimento do contexto:

Pedro Savage descreveu o procedimento esclarecendo que o teólogo, consciente dos condicionamentos do seu marco histórico e cultural, deve dispor as suas elaborações à crítica tanto da comunidade como da própria Palavra. Ele precisa constantemente se auto-questionar e às suas ideologias. Reitera Savage ‘Esta postura de ‘suspeita’ permite a ele e à sua comunidade retornarem, vez após vez, à fonte da Palavra para renovar o chamado, a visão e a mensagem’. O círculo hermenêutico, neste caso, se refere ao processo de inter-relação entre contexto e palavra de Deus.¹⁶

Uma teologia pentecostal certamente deverá verificar os fatores comprometedores tanto da vida interna das comunidades pentecostais, quanto da sociedade que ela integra. Bernardo Campos coloca que um dos princípios pentecostais é a superação dos condicionamentos desumanizadores pela força do Espírito Santo.¹⁷ Isto não se faz sem a suspeita e discernimento e a luta contra eles em sua incidência histórica. Também é preciso colocar sob suspeita qualquer demonstração de vivência carismática que se dê alienada da vida e não comprometida com o sofrimento alheio. A suspeita deverá ser para verificar se há de fato presença do Espírito nela. Certamente os dons espirituais adquirirão maior sentido quando exercitados para a promoção da vida da criação de Deus.

Outra questão a se verificar é o quanto a leitura do texto bíblico em seu contexto vivencial está sendo realizada à luz do Espírito Santo. Certamente uma leitura bíblica realizada no esforço de uma teologia pentecostal terá como preocupação observar como o Espírito agiu fazendo a vida acontecer nos vários âmbitos e situações em que ela estava comprometida no contexto bíblico, a fim de que possa verificar como o Espírito Santo age promovendo a vida no contexto atual. Também é preciso compreender como o Espírito age como Deus mediano entre nós e Jesus Cristo e sua obra salvadora, a fim de que a fé pentecostal seja, necessariamente, uma fé cristológica.

¹⁶ SANCHES, Regina Fernandes. *Teologia da Missão Integral*. São Paulo: Reflexão, 2008. p. 81.

¹⁷ CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à Pentecostalidade da Igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 88.

Conclusão

O evangelicalismo latino-americano possui as mesmas origens históricas do pentecostalismo mundial moderno, que se caracteriza como um movimento evangélico, entretanto, sob a novidade da experiência pentecostal e as implicações advindas dessa nova condição. É preciso, em vista disso, considerar tais aspectos específicos e identitários do movimento para fins de elaboração de teologias pentecostais, a fim de que não se comprometa sua importância histórica e social.

Outro aspecto importante de ser considerado no pentecostalismo é sua força de revigoração do cristianismo em geral, por meio dos movimentos de renovação carismática e mesmo a revitalização das igrejas históricas que incorporam em sua liturgia e espiritualidade elementos da prática pentecostal.

Em relação às Escrituras devemos reconhecer que o movimento faz uma leitura de base, leiga e de baixo rigor teórico e metodológico. Qualquer proposição de método hermenêutico deve valorizar este caráter popular, evitar formas rebuscadas de estudo bíblico e insistir na construção de métodos acessíveis e que conduzam a leituras transformadoras da realidade. Ao fazer isso, o pentecostalismo, principalmente na América Latina, se configurará como o protestantismo das bases, das massas sofredoras que encontram nas Escrituras, na comunhão, no serviço, sob o poder do Espírito Santo, a esperança não somente de um bem-viver no futuro pós-história, mas já dentro da história e do mundo, como espaço e força popular de libertação.

Bibliografia:

- ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz Pentecostal Brasileira*. RJ: Novos Diálogos, 2013.
- BONINO, José Miguez. *Rostos do Protestantismo Latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal/EST 2013.
- CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à Pentecostalidade da Igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. In.: *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.
- DREHER, Martin N. *A Igreja Latino-americana no Contexto Mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- LÓPEZ R. Darío. *Pentecostalismo y Misión Integral*. Lima: Ediciones Puma, 2008.
- MATOS, Alderi Souza. *O movimento Pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário*. In.: <http://www.mackenzie.br/6982.html>. Acesso em 27/08/2015.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos*. São Paulo: Metodista, 2008.

SANCHES, Regina Fernandes. *Teologia da Missão Integral*. São Paulo: Reflexão. 2008.

_____. Contribuições da Teologia Latino-americana para uma Teologia Pentecostal Latino-americana. In.: OLIVERIA, David Mesquiati. *Pentecostalismo em Diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

STEUERNAGEL, Valdir. *Obediência Missionária e Prática Histórica*. São Paulo: ABU, 1993.

OLIVEIRA, Marco Antonio. O Protestantismo em face da pentecostalização dos movimentos evangélicos brasileiros. In.: BINGEMER, Maria Clara Luchetti; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro. *O Censo e as Religiões no Brasil*. RJ: PUC; SP: REFLEXÃO, 2014.